

Rui Alberto Cruz de Sousa

Título:

Fontainhas

Texto:

Quantos dias tem a vida? Por quanto tempo vamos adiar o sonho de partir para uma viagem diferente? A viagem da verdadeira descoberta, a viagem que nos deixa mais perto de nós próprios, dos outros, de tudo o que queremos sentir, a viagem da verdadeira libertação?

É isso que me ocupa o pensamento enquanto lhe agarro a mão com doçura, mas ela não está lá, apenas a imagino. E é assim que vai ser a viagem, quem me ouvir falar sozinho, presumirá, eventualmente, que tenho auricular e estou a falar ao telemóvel. Quem me vir balançar a mão imaginará que não devo estar bom da cabeça, mas isso pouco me importa. Esperei tanto que ela aparecesse que ainda tenho medo de me cruzar com ela e de tão desbotada a sua imagem não mais ser capaz de a reconhecer. Carrego comigo as sensações de um abraço e de um beijo recíproco, à porta de um edifício, já não sei qual, e ela tornou-se uma espécie de miragem que cresce sob a forma de vultos e de penumbras porque, com a ilusão de haver quem nos conheça, as miragens dão-nos quase tudo o que nos faz falta, menos o amor.

Estico o braço e, agora, já não é ela que me segura a mão mas, sim, a minha avó materna, viemos da Costa Moreira, que era ali nos Poveiros e, hoje, é um fantasma na praça, tapada com tijolos e com grafites de mau gosto enquanto atravessamos o jardim que, dizem, foi mandado construir por D. Pedro IV que, num gesto romântico, o dedicou às mulheres do Porto para que servisse de lenitivo às agruras e aos sacrifícios que tiveram que suportar durante o cerco que opôs o Exército Liberal, comandado por aquele monarca, às tropas do regime absolutista de D. Miguel.

Está vazio o banco contíguo ao coreto, sob a frondosa tília, e já há muito que ninguém me espera, nem ali nem à porta do antigo convento de Santo António da Cidade.

Deixamos para trás o jardim e no edifício das Belas Artes, imponente palacete do século XIX, ainda repito o hábito de infância, entrando pela primeira porta e saindo pela terceira, voltando a entrar pela segunda e saindo pela primeira, mas já era a mão dela que me guiava quando viramos para Barão de São Cosme, onde já não existe a tinturaria, nem a barbearia contígua ao armazém onde a minha avó vendia papel, roupa e mobiliário em segunda mão e que agora é um café típico de bairro. Subimos uma escada em direção ao 45, entramos pelo acesso às traseiras até ao pátio interior...estão abandonadas todas as casas, incluindo a da minha outra avó. Recordo-me do cheiro a alfazema na casa e do cheiro dos bolos que ela fazia para me obrigar a descer do sótão...na casa dela, as memórias e os cheiros atravessavam as divisões da casa e escondiam-se no sótão.

No gaveto da Praça da Alegria já não existe a mercearia nem a casa onde morava o meu padrinho e, no centro da praça, já desapareceu, também, a “ilha” onde moravam os meus tios e as minhas primas, numa casa de três divisões sem iluminação nem ventilação direta e em que o engenho e dois biombos a transformavam numa casa habitável, embora as casas de banho fossem exteriores e públicas. Sobravam nos acessos alguns objetos pessoais e os tanques de lavar roupa, em cimento. Agora já é, outra vez, a minha avó que me segura a mão quando iniciamos a descida pela Rampa dos Padeiros, que não tem placa com esse nome nem, sequer, uma padaria, mas foi sempre assim que a conheci, ladeamos a escola do 1º ciclo, olhamos de relance para o abandonado “Abrigo dos pequeninos” e paramos junto à porta da casa onde eu nasci. Aqui ela entreabre um sorriso ligeiro e sinto que, tal como eu, lhe vão rolar umas folhas de tílias pela face, mas ela sabe bem que, nessa noite, não se passou nada de especial, a não ser eu, e que me deve ter incomodado bastante o barulho dos feirantes a desmontar as barracas do S. João, ali bem perto, e onde pela manhã a minha mãe tinha ido comprar uma bacia para me dar banho.

Estávamos, agora, de passagem para o miradouro das Fontainhas, e a fugir da sombra projetada por aquele corpo estranho que é a ponte do Infante, e já era ela que me tocava de leve na mão, de regresso ao tempo em que apenas eram três as que cruzavam o Douro e, sem que nos tivéssemos apercebido, tinha caído uma espécie de neblina sobre a ponte ferroviária, agora sem utilidade, que assim emergia sobre o rio como um fantasma na paisagem. Ajudei-a a subir para o muro passei-lhe o cabelo por detrás das orelhas...há muito que eu não sentia aquele seu cheiro doce nem aquele arfar trémulo junto ao meu ouvido...Fecha os olhos, pedi-lhe...e, imagino, que ela tenha esperado que os nossos lábios se tocassem, mas não tinha de acontecer, porque um momento não precisa ser perfeito, basta, apenas, marcar de um jeito bom, o melhor da vida...agora abre, gritei eu...ela sentiu o click do telemóvel...Ooops! Deixa lá, ficou tremida a foto, para a próxima fica melhor...E ela sorriu, com aquele seu sorriso do tamanho do mundo...

Deu um salto para o chão e apertei-lhe a mão com uma força desmesurada, como se não a quisesse perder e retomamos a caminhada e, numa imitação rebuscada de “Bonnie e Clyde”, arriscamos descer, um pouco, a escarpa e apreciar a beleza do rio sob a ponte D. Maria imaginando o sítio de onde, supostamente, fora empurrado o Eduardo do “Aniki Bóbó” e já era, outra vez, a minha avó com o dedo em riste a ensinar-me a ladainha: “Aniki-Bebé Aniki-Bobó/Passarinho totó/ Berimbau, cavaquinho/ Salomão/ sacristão/ Tu és polícia/ tu és ladrão”, e eu sorria com a alegria de quem não tem preocupações e tem a vida toda pela frente, e ela observava-me com aquele brilho intenso nos olhos, que me inebriava, e que eu nunca esqueci...e eu dizia-lhe: “Enquanto me olhares com esses teus olhos estarei sempre em ti.” E ela respondia: “Os meus olhos são da cor das flores que inventas para mim...”

Agora era, outra vez, o calor da mão dela e a sua voz de adolescente que me enchia o ouvido: -E o que vais fazer quando fores grande?

-Grande? Não sei, ainda não pensei muito nisso...amo a poesia e as palavras...ser jornalista, talvez...escrever um livro...

-Um livro? Um livro, sobre quê?

-Sobre nós...

-Tolo! Sobre nós? Mas há tão pouco a saber sobre nós...e este tempo nem sequer é o nosso

-Escritor é para isso...criar ficção...e tu és uma pessoa muito especial, farás sempre parte da minha história...às vezes inventa-se sobre as vidas de desconhecidos, outras vezes, sobre a nossa própria vida...sou a tua fantasia, sou a minha fantasia, nunca seremos reais...e tu, como te vêes no futuro?

-Ainda sou nova, nunca penso muito nisso, e sabes como adoro brincar à eternidade...faço pontes entre o amar e o viver, mas entre essas margens está um rio...o mesmo rio que me dá vida, mas que me transformou em sereia...acho que me bastava ser feliz...simplesmente...

-A felicidade é uma estrada que temos que percorrer, calmamente, e na maioria das vezes nem é preciso muita bagagem...

-E seria uma história de amor?

-Seria sobre estas ruas que calcorreamos, embora num tempo diferente, teria um jardim com um coreto, este rio, as suas pontes, falaria de afetos que fazem abraços, assustam e fascinam, crescem em cada gesto em cada palavra e ofuscam-nos sem se dar nem se prender e de nós os dois perdidos, numa noite escura...seria de amor, claro!

- E como me descreverias no teu livro?

-De azul, como o mar onde termina este rio, como este céu que nos cobre...

-Sempre foste um sonhador...

E se é um sonho, esse meu sonho é sempre inacabado, talvez porque estejam cheias de jardins, túneis, escarpas e comboios as nossas histórias ou porque só existimos inteiramente fora de nós e este lugar será sempre um ponto de reencontro...e eu que só lhe queria dar uma chuva de flores pela manhã, uma paixão fresca e com cheiro a café acabado de fazer...resta-me no meu sonho e na gaveta das desilusões um livro inacabado e o apito estridente do comboio que me diz que é hora de acordar e de iniciar a íngreme descida pela calçada que já

foi da “Corticeira” e hoje se chama, e bem, das “Carqueijeiras”, rumo à marginal e à ponte D. Luís...
Estranhamente, aquela mão agarrada à minha parecia-me, agora, tão real.